



TRIBUNA Livre

4
Agosto
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTONIO JOSÉ DA COSTA

IMPRESSOR: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR TEL. 62113 - AMARES

Memorando um filho ilustre do concelho

Passou, em 27 do mês findo, o 28.º aniversário da morte do

General Almeida Barbosa

filho da freguesia da Torre e heroi da G. Guerra

No dia 27 do mês findo, passou o 28.º aniversário da morte de um dos mais ilustres filhos deste concelho, o General Adolfo Almeida Barbosa, militar brioso e cheio de prestígio, que se cobriu de glória na grande guerra, comandando na Flandres, a Brigada do Minho, sob as ordens do Marechal Gomes da Costa, de quem foi o mais direito colaborador.

No primeiro ano da existência deste jornal, ao passar a data que lembra o nome de um dos grandes do concelho, pretendemos, tanto quanto possível, recordá-lo aos que conhecem os seus feitos e apontá-lo àqueles que o desconhecem.

O seu falecimento verificou-se na cidade de Viana do Castelo, aonde hoje conta uma praça com o seu nome a atestar a grandeza do seus feitos e a transcendência do seu nome.

A comprová-lo, no funeral estiveram presentes o General Craveiro Lopes, pai do actual Chefe do Estado, o Ministro da guerra, e, por representação, o Marechal Gomes da Costa.

O Snr. General Adolfo de Almeida Barbosa, nasceu em vinte de Setembro de 1857, no lugar de S. Gens, freguesia da Torre, concelho de Amares. Tinha portanto 71 anos de idade.

Foi promovido a alferes, para inf. 8, em 9 de Janeiro de 1884, a tenente em 19 de Setembro de 1889, a capitão em 19 de Novembro de 1897 servindo no ultramar desde 1900 a 1902.

Promovido a major em 23 de Fevereiro de 1909, a tenente-coronel em Agosto de 1912 e a coronel em Janeiro de 1915. Como coronel fez parte do C. E. P. e embarcou

para França em 1917, como comandante do 6.º regimento de infantaria. Sendo ali organizada a 4.ª Brigada (Brigada do Minho) foi o ilustre militar o escolhido para comandante, e mais tarde nomeado comandante da 1.ª Divisão aonde se conservou

(Continua na 4.ª página)

A Caixa de Crédito Agrícola vai edificar a sua nova sede

A Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amares, uma das mais úteis instituições, que tantos serviços presta á nossa agricultura, vai construir um edificio para a sua sede, dado que aquele em que funciona não está á altura das suas necessidades

Lavrado o projecto, há perto de um ano, foi este, depois dos trâmites legais aqui realizados, sujeito á aprovação da entidade que superintende nas Caixas Agrícolas, a qual, visto o local, teceu a este e ao projecto os maiores louvores, expressos na autorização concedida.

Vencida esta faceta da obra foi o projecto presente ao Snr. Arquitecto encarregado da urbanização o qual concordou com o mesmo, bem como o Engenheiro encarregado dos serviços da Câmara.

O último acto realizado foi a aquisição do terreno vencendo-se dessa maneira a última dificuldade para realização da obra.

Em breve pois, iniciar-se-á uma construção que será a mais vistosa e fidalga do nosso Largo, com a frente em parte feita em granito polido e com uma sacada artística a todo a largura.

O seu orçamento ronda os 200 contos na mais substancial afirmação de que estamos perante uma obra digna do local e da instituição que representa.

(Continua na 4.ª página)

A grandiosa Barragem de Paradela do Rio

Em tipo enrocamento, com cortina-estaque de betão—a Barragem de Paradela do Rio é, no seu género, a barragem mais alta do mundo. Destinase a represar uma albufeira com 164 milhões de m.³.

Para a sua construção a seco fez-se o desvio do curso do rio Cávado, em túnel provisório que mede cerca de 500 m. de comprimento e uma secção de 50 metros quadrados.

Já se removeram uns 45.450 metros cúbicos de terra e gastaram-se mais de 16.000 toneladas de betão.

A ensecadeira, feita em arco de circulo, mede 129,5 metros e tem 24,5 m. de altura. Nela se utilizaram 7.490 m.³ de betão

As escavações ultrapassaram as dezoito toneladas.

Esta obra gigantesca medirá 310 m de base, 112 m de altura e 7,75 no taboleiro de coroa-mento.

O enrocamento cifra-se no cálculo de *um milhão de toneladas de pedra!*

Poderá obter-se, em ano de pluviosidade média, *duzentos e sessenta milhões de KV.*

O descarregador de fundo tem 505 m. e o seu diametro é de 1,90 m. Para ele se remo-

(Continua na 4.ª página)

Comentários

A cegueira da vingança

Mal vai à sociedade quando os homens, cegos pelo ódio, esquecem os deveres de consciência que a todos deve nor-tear, e só porque se aplidam de sérios e cumpridores, se julgam com o direito de dar às suas deliberações carácter unilateral.

Ficamos a olhar-nos, a tentar ler no nosso intimo, como é possível que neste século haja ainda quem faça dos lugares que desempenha, meios de vingança e como há quem não tenha força para se impor que a sua assinatura vai consumir essa vingança.

E' possível que numa repartição se concedam licenças com certos segúlios e se neguem a outros por mero capricho.

E' possível que quem goza uma licença com certo privilégio seja contrário a que a outro a goze nessas condições.

Neste estado de coisas tudo é possível e tudo acontece na convicção de que com mais uma missa ou um terço tudo ficará perdoado.

Ontem a persiguição era porque a pessoa não foi servil e não assinou o que reputava um acto torpe, mas hoje, porque é preciso encobrir o âmago da questão, é porque o ano passado não foi suficientemente cumpridor.

Temos a história do lobo e do cordeiro: *"tu o ano passado turbaste-me a água"*.

Dar vista aos cegos—e muito mais aos cegos por ódio—é obra de consciência. Não a mostrarão os que superintendem?

Festa de São Pedro Fins

Vale a pena o sacrifício...

Quando cá do fundo do vale do Cávado se ergue o olhar ao céu, a vista pousa suavemente, ao retirar, num belo anel de montanhas, em cujos pináculos se vê, bem assinalada em todas as direcções, a fé dos nossos antepassados.

Do lado norte, tal como a bússula a apontar-nos o caminho, alveja uma capelinha no pincaro mais elevado do monte, dedicada, desde remotas eras á devoção de S. Pedro nas Cadeias, festa que tem o seu dia próprio, em 1 de Agosto de cada ano, mas que, por convenção muito antiga, se celebra na nossa capelinha de S. Pedro Fins, no primeiro domingo do mês de Agosto, alternadamente, pelas freguesias meeiras de Caires e Caldelas.

E' já portanto, no próximo

domingo, que os devotos sobem á montanha sagrada, acompanhando uns a procissão, outros formando romeiros, saltitando, de quebrada em quebrada, através do monte sinuoso e rude, por caminhos muito primitivos, até atingir o pequeno templo dedicado ao primeiro Papa, áquele que o Mestre escolheu para alicerce da sua Igreja, o que foi e é a pedra angular do Magestoso Edificio de Cristandade.

A milagrosa libertação de S. Pedro, das cadeias, servido pelos anjos, é evocada ali no alto da montanha, com aquele espirito de penitência que a jornada impõe a todos os devotos.

Sem meios de acesso para veiculos de qualquer espécie,

(Continua na 4.ª página)

COBRANÇA

Vamos começar a fazer a cobrança das assinaturas respeitante ao 2.º semestre, deste Semanário.

A importância a pagar é de 25\$00, e pedimos a todos os nossos estimados assinantes, o melhor acolhimento.

As pessoas que puderem e quiserem proceder á sua liquidação, antes da cobrança, podem fazê-lo enviando-nos a respectiva importância, mesmo em selos do correio, para esta Redacção.

Certos do vosso bom acolhimento, agradece.

A Administração

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

NOVELA INFANTIL

OS SETE MESTRES

Viviam prósperamente, mas em desunião, no casal agrícola de um abastado lavrador, muitos animais domésticos e, de entre toda aquela grande variedade, surgiam questiúnculas e renhidas lutas (reparai, meus meninos, nos motivos!): uns porque se mostravam soberbos, como o pavão; outros avaros, como o cão; alguns luxuriosos; a cabra enchia-se de ira, constantemente; o porco era guloso, invejoso e preguiçoso; isto para citar somente os mais culpados, embora quase todos tivessem defeitos. Então o boi, certo dia, já cheio do que via fazer aos seus companheiros e por saber do desgosto que seu amo amigo tinha nesta desordem, convocou todos os companheiros a uma reunião e fez sentir a seus colegas que era obrigado a pôr cobro ao que se passava. Para isso estava disposto a dar, como até ali, em primeiro lugar, o bom exemplo, e propunha ainda que de entre eles se escolhessem sete, para ensinar aos outros as virtudes necessárias à correção dos seus defeitos. Sob a orientação do boi, logo se escolheram os seguintes mestres: o pato, lecionava a humildade; o galo, daria lições de liberalidade; ao pombo, coube ensinar a castidade; ao cordeiro, a paciência; ao boi, a temperança; a caridade, pertenceu ao carneiro; e a diligência, ao burro.

Dali em diante, todos os dias se via reunida, a certa hora, a assembleia dos animais, com os sete mestres, os quais faziam as suas preleções, um após outro, até que todos eles aprendessem as lições, como realmente aprenderam.

A medida que se instruíam, o dono via surgir, com esparto, a paz em sua rês; e quando soube a razão do que acontecia, premiou o boi com a sua bênção e jamais esqueceu, também para si, as lições dos sete mestres.

Como este bom lavrador, lembrai-vos sempre meus meninos, das virtudes ensinadas pelos sete mestres, pois melhor do que aqueles animais, deveis saber fugir dos feios pecados que provocam a desordem.

Eme

Já sabia que...

A água norma salgada é uma excelente mistura para banhar os olhos. Fortalece a vista, limpa-a e torna-a mais clara, especialmente quando ela está cansada pelos trabalhos.

—Para debelar a febre que possa aparecer depois de qualquer picada de insecto, deve dar-se ao doente sumo de limão ou de laranja azeda.

—As cataplasmas de batatas, feitas com água de malva, são ótimas para substituir as papas linhaça e com efeitos mais vantajosos por se conservarem muito mais tempo bem quentinhas.

As propriedades do limão

Para a saúde o limão tem muita utilidade:

Como gargarejo: uma colher de sopa de sumo de limão num copo de água quente. Serve também para bochechar.

Quando se está constipado: um copo de limonada bem quente, na ocasião de ir para a cama, ou um chá de limão com pingos de sumo na infusão da casca, muito quente.

Para a rouquidão: deitar sumo de limão sobre açúcar mascavado e chupar vagorosamente essa mistura.

Para a tosse: misturar partes iguais de sumo de limão e mel e tomar uma colher de chá

dessa mistura, quando necessário.

Para estado bilioso e dor de cabeça nervosa: uma colher de chá de sumo de limão numa chicara de água quente. De preferência em jejum.

Boas-maneiras

◆ Sorrir significa bom humor e cativa amizade, mas é necessário que esse sorriso, seja natural, franco e sincero.

◆ Cumprimentar as pessoas é um dever que impõe a boa educação, mas esse cumprimento deverá ser feito duma maneira afável sem afectação.

◆ O assoar-se estrondosamente, mirando e remirando o leuço, é sinal de pouca educação. O assoar deve ser o mais discreto possível.

◆ Quando estiver à-mesa nunca incline o prato da sopa para si, a fim de o esvaziar completamente.

Conselhos e Receitas

Se umas gotas de água caíam no sobrado ou num móvel enlameado não tarde em limpá-las, passando, logo em seguida, um pouco de cera sobre a parte manchada.

O sal que não esteja em uso deve guardar-se em vasilhas de

As últimas colecções da moda francesa

Apresenta modelo de extrema elegância, graças aos vestidos direitos, de busto realçado, aos vestidos amplos de saias franzidas ou formando um falso avental, á frente ou atrás; «corseletas», marcando a cinta alta; misturas de diferentes materiais—«lainage» e «moiré»; tafetá e veludo; jersey «faille», «lainage» e gorgorão; brocado e gorgorão, etc. etc.

Os casacos compridos—moda que pegou a valer!—fazem-se, de preferência, de alpaca. A roda concentra-se, principalmente, atrás.

O casaco do «tailleur» e curtinho e usa-se menos o de comprimento três quartos. Este género, solto, é o que mais convém ás senhoras fortes que devem preferi-lo, a bem da sua elegância.

O tafetá rígido faz os belos vestidos de «cocktail».

É muito moderno reunir na mesma «toilette» cetim e lã. Os rufos da orla da saia dão graciosidade ao andar.

Se o decote é demasiado profundo, é indispensável um «cai-cai», interior em «guipure». As francesas dão-lhe o nome de «modestie».

Ainda se usam os casacos a abotoar nas costas e fechadas á frente.

A seda mais usada para «cocktail» é a «jacquard».

O «nylon» com tiras de rufos faz lindos vestidos de noite. A saia ficará bonita com três folhos.

Um tom lindíssimo para a noite: azul-cinza, bordado a ouro.

A colecção encantadora de Madame Ferray sugere:

Os tecidos de pintinhas, muito próprios para verão.

A musselina branca com pintinhas, azuis ou vermelhas usa-se muito para as raparigas.

vidro com rolha esmerilada para que não absorva humidade

*

Há certas qualidades de couves como a couve-flor, a couve lombarda, a coração de boi, e outras, que se tornam menos indigestas quando a meio da cozedura se lhes muda a água.

*

O cheiro da cebola desaparece das mãos, mais rapidamente, se as lavarmos em água salgada.

*

As nódoas de resina saem muito facilmente dos tecidos se esfregarmos a parte manchada com um trapo embebido em aguarrás ou alcool.

O «vestido-flor», tem a saia cortada em pétalas. Fica admiravelmente em cor de rosa ou amarelo.

«Nylon» estampado faz lindas blusas.

A mala última novidade é de palha de tom natural, misturada com cabedal do mesmo tom. A forma é alongada.

As charpas mais modernas são listradas, principalmente em coral rosa, preto e branco.

Os vestidos de tarde são drapeados.

O bolero acompanha a saia toda preguada, a partir da axilla.

Paris mantém no Verão, os ditames da Primavera: cinta alta, «fourreaux» esguios em bolero, ou simples casaquinho, efeitos de blusão; preferência pelo azul-marinho e os seguintes tecidos: tweed, «tropical», linho, «Príncipe de Ga-

Quadra

Há uma gente infeliz,
Por esta tolice imensa:
—Ou nunca pensa o que diz
—Ou sempre diz o que pensa...

(Petarca Maranhão)

les» quadrinhos, «pied-de-poule», jerseys, «chintz», etc. etc.

A ligação de tom cinza com branco é suave e fica bem a todas as idades.

Casacos de tons vivos, com preferência pelo coral e azul-rei.

O tom gerânio, guarnecido a branco, é uma das predilecções de Paris na época actual.

Vimos para si nas montras parisienses

Vestido de «tricot» cor de areia a abotoado nas costas. Corpo blusado.

Banda horizontal, marcando a linha alta num conjunto duas-peças de «tweed» turquesa e branco.

Abotoa ao lado e remata com um laço de piqué branco.

Cinta alta em falso bolero, botões agrupados num vestidinho quadriculado miúdo, em cinza e branco.

Corte da saia em forma de avental, acentuado por pespontos e botões, ideal para fins de semana no campo.

CULINÁRIA

Mayonése de camarão

Sobre uma camada de alface deitam-se camarões cozidos e decascados. Cobrem-se com rodas de ovos cozidos, ladeiam-se de rodela de batatas, salsa picada, azeitonas descaroçadas, rabanetes e olhos de alface e molha-se tudo com molho mayonése.

Pombinhos em concha

Apanham-se os pombinhos ou borraochos e abrem-se a meio formando duas partes. Põem-se numa caçarola sobre pranchas de toucinho e rodas de cebola; junta-se-lhe uma colher de banha e leva-se ao lume moderado, deixando estufar, devidamente temperados com sal, pimenta e um ramo de cheiros.

Entretanto tomam-se os miúdos das aves, a que se pode juntar mais os figados de alguns frangos e passa-se tudo pela máquina juntamente com um bocado de paio e leva-se a refogar á parte. Estando pronto, junta-se-lhe uma colher de manteiga, uma pitada de noz moscada ralada e uma gema de ovo, crua para ligar.

Quando os pombinhos estiverem estufados, encha-se cada metade com este recheio e dispõem-se as metades sobre fatias de pão forma, levemente tostado.

Põe-se sobre o lume um tacinho com uma colher de manteiga e outra de farinha e mexe-se bem até a farinha ficar bem loura. Junta-se-lhe depois um molho de refugado acrescentado de um pouco de água de bom caldo, se for preciso, e em seguida deixa-se ferver mexendo sem preatê ficar cozido, deitando-se sobre os pombinhos.

Sobremesa

Pudim de laranja

Descaquem-se e pelem-se 12 laranjas, cozam-se e pisam-se em seguida num almofariz, até que fiquem reduzidas a massas, juntem-se 12 ovos, levando apenas 2 claras, meio quilo de açúcar, colher de nata e uma pitada de nós moscada.

Unta-se a forma com nata, lança-se dentro a mistura, de maneira que fique dois dedos abaixo das bordas da forma. Coze em forno moderadamente aquecido.

Creme real

460 gramas de açúcar; 250 gramas de abóbora cozida e

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA do CONCELHO

A Banda de Amares, carinhosamente recebida em Vila Verde

Segundo nos informaram, no passado Domingo, a Banda de Amares, deslocou-se à freguesia de Barbude, a fim de abrilhantar uma festa que ali se realizava.

Na passagem por Vila Verde aquele agrupamento musical parou na Vila, aonde tocou, fazendo-o, especialmente em frente da residência do Snr. Dr. António Ribeiro Guimarães, presidente da afamada Banda local e sua "alma mater".

Sensibilizado pela deferência, o Snr. Dr. Ribeiro Guimarães foi servir aos componentes da Banda de Amares, um bem servido lanche e manifestou-lhe todo o seu apreço pelo seu acto que o desvanecera.

Aqui está um acto digno de ser conhecido, pelo que tem de excelente contributo para a amizade entre as duas Bandas e que é bem filho do espirito de compreensão e do coração magnânimo do Snr. Dr. Ribeiro Guimarães.

Novos Assinantes

Tivemos o prazer de inscrever como novo assinante, o Ex.º Sr. Engenheiro Narciso António Reluo de Castro e Melo, dig.º Administrador dos Serviços Florestais do Gerez, que tem feito no Grémio da Lavoura desta Vila, apreciadas conferências sobre os problemas agrícolas da sua especialidade, o qual está a desenvolver uma grande preciosíssima actividade no enriquecimento florestal dos terrenos particulares, limítrofes à zona Florestal.

Tivemos a honra de inscrever como novo assinante, o Snr. Américo Carneiro, de Caldelas, indicado pelo nosso estimado assinante Snr. José Soares, também de Caldelas.

A ambos um muito obrigados.

Amares

No Largo Dr. Oliveira Salazar, desta Vila, envolveram-se em desordem os conhecidos «Papagaios», dos quais faziam parte João António de Almeida, casado, servçal, residente no lugar do Monte da freguesia de Ferreiros, Lina de Jesus Vaz, viúva, residente no Largo Dr. Oliveira Salazar Maria de Lourdes Vaz, solteira, também do referido Largo e Maria de Araujo, casada, esta, mulher do João.

Esta contenda teve a intervenção do Cabo da Polícia da referida freguesia que

conseguiu por-lhe termo ajudado por José Ribeiro, residente no lugar Novo.

Ficaram feridos nesta desordem a Maria de Lourdes Araujo com algumas equimoses no rosto e uma pequena contusão num braço; a Maria Ermelinda com umas leves escoriações no rosto; o José Ribeiro, com uma equimose no cotovelo; o João Almeida, também com uma pequena escoriação no cotovelo.

Vida elegante

Aniversários

Terça-feira—O Snr. Virgílio Alberto de Almeida

Quarta-feira—O Snr. António Ribeiro, e a menina Maria do Ceu de Sousa Pinheiro, filha da Snra Judite de Sousa e do Snr. Adelino da Silva Pinheiro, Ajudante do Conservador no nosso concelho.

Quinta-feira—O Snr. Manuel da Conceição da Cunha Monteiro;

Sábado—A Sr.ª D. Maria Celeste de Barros Vieira e o Snr. Américo Raul Pereira.

Noticias pessoais

Périplo de África

Na próxima quarta-feira, dia 8, parte a bordo do Vera Cruz, o editor deste semanário Senhor Paulo Barbosa de Macedo, em viagem turística.

O Vera Cruz toca em Las Palmas, S. Tomé, Luanda, Lobito, Cidade do Cabo, Lourenço Marques, Beira, e Mambuco, e regressa pelo Canal de Suez, visitando ainda o Egipto a Itália, França, e Espanha depois de tomar parte nas festas que em Moçambique terão lugar com a presença do chefe do Estado.

«Tribuna Livre» publicará várias reportagens desta viagem.

Acabou de passar as suas férias, nesta terra, que é também a sua, no passado dia 30 do mês findo, o nosso estimado assinante e particular amigo, Snr. João Eduardo Gonçalves, mui digno Comandante do Posto da G. N. R. de Terras de Bouro, acompanhado de sua família.

Tivemos o prazer da sua visita, a qual agradecemos.

* * *

—Visitou a nossa Redacção o nosso assinante Snr. Pde José António da Costa, de Sequeiros.

A festa da Snra. das Angústias, em Barreiros

É amanhã que se realiza, na vizinha freguesia de Barreiros, a festa da Snra. das

Ofensa inesperada?

Não

Não era nossa intenção em ocupar o precioso espaço deste conceituado Semanário. Mas fazemo-lo por duas razões. Primeiro, para defender um nome que sempre dignificou e soube representar o concelho. Segundo, para esclarecer, concretamente as ocorrências apontadas na carta inserta no último número do jornal «Tribuna Livre» intitulada «Ofensa inesperada» e cujo autor é um sócio das aparelhagens de Bouro.

Para já lamentamos que seja um sócio a reclamar direitos, quando é certo dever ter sido a respectiva Direcção a fazê-lo porque... das duas uma: ou esse sócio se serviu do jornal para defender interesses particulares—o que é impróprio—ou então foi muito infeliz na intervenção, dado que nada tinha a ver com a questão. Mas seja como for, nós sentimo-nos directamente visados naquela carta. E como sobre nós pesa a responsabilidade do cargo de directores, ericado sempre das maiores dificuldades, somos forçados a dizer ao sócio sr. Fernandes, de Bouro, que mesmo com prejuízos pessoais procuramos, desinteressadamente, orientar as coisas para o melhor termo. Posto isto, vamos à questão:

Diz o sócio senhor António J. Fernandes, que tinham sido convidados pela comissão de festas, em honra de S.º António, a realizar no lugar do Pilar, freguesia de Carrazedo, e

Fiscal, a abrilhantaram a festa ali levada a efeito. Acontece, porém, que antes dos senhores de Bouro, a mesma comissão se abeirou de um membro da direcção do Futebol Club de Amares, para tratar as suas aparelhagens. Depois de várias trocas de impressões não chegaram a acordo, dadas, as condições em que pretendiam a aparelhagem, chegando até esse director a dizer que não lhe interessava fazer o serviço.

Ora, estando nós no habitual transmissão do programa de música da quarta feira, veio junto do encarregado um membro da comissão de festas do Pilar, pedindo que fizesse o anúncio daquelas festas. Foi-lhe respondido que não, sem a devida autorização. Momentos volvidos, surge a maior parte dos membros da referida comissão a renovar o pedido de publicação, dizendo que já não queriam as de Bouro, mas sim as do F. C. A. Para tanto, iam pedir a suspensão. Não satisfeitos, procuramos entender-nos com todos os membros para colher impressões. Estes não só manifestaram interesse mas até satisfação pela nossa presença nas festas. Garantidos assim firmamos o cumprimento de ir fazer o serviço, uma vez que suspendessem as de Bouro. Ora, na quinta feira, de manhã, os mesmos telefonaram para o 3687, de Bouro, mandando por favor chamar um dos sócios ou interessado das aparelhagens. Como talvez não

(Continua na 4.ª página)

NECROLOGIA

Falecimentos

Faleceram as seguintes pessoas:

NA FREGUESIA DE GOÃES—A Snra. Maria das Neves Pereira, com 75 anos de idade, no passado dia 25 do mês findo;

NA FREGUESIA DE AMARES—A Snra. Laurinda Vieira, com 88 anos de idade, no passado dia 28 do mês findo;

NA FREGUESIA DE FERREIROS—O Snr. Domingos José Dias com 84 anos de idade, no passado dia 28 do mês findo.

Angústias, um dos mais velhos festejos de quantos se realizam no nosso concelho. Ornamentação, música, vários divertimentos e actos religiosos, compõe o seu programa.

A avaliar pelos anos anteriores a concorrência de forasteiros deve ser grande.

Já foram reparados os postes da iluminação pública

Só decorridos quase três meses, que não davam luz, alguns dos postes que iluminam o grande Largo Doutor Oliveira Salazar, desta Vila, sala de visitas do nosso concelho, é que se procedeu ao arranjo dos mesmos.

Infelizmente assim se verifica o pouco cuidado e até mesmo a pouca consideração que a entidade obrigada ao arranjo e aasseio do mesmo, tem pelos seus habitantes e ainda por aqueles que nesta época de verão estacionam ali com grande frequência, principalmente de excursionistas.

Julgamos ter o direito de exigir que este Largo se encontre além de iluminado também limpo, sem pedras, nem buracos, os quais lhe

dão um aspecto confrangedor.

Esta localidade que com tantas dezenas de contas contribue anualmente para o nosso Município, deveria ser olhada mais de perto, com o carinho devido por aqueles a quem isso compete.

Isto dependia apenas de boa vontade, porque, se da grande receita que êle semanalmente contribue para o nosso Município, saísse uma pequena verba para a sua limpeza, pelo menos uma vez em cada mês, já não apresentaria este desagradável estado mas, já que eles não querem, tenhamos nós ao menos paciência. Não há mal que sempre dure... F. A.

HUMORISMO

Porteiro pacífico

Tem certificado de bons antecedentes?

—Sim; sou porteiro há mais de quarenta anos, e nunca briguei com os moradores.

—Não basta; é necessário que êles o atestem.

—Ah! Isso é impossível!

—Por quê?

—Sou porteiro do cemitério

Os botões

A esposa sentada no jardim diz para o marido.

—Olha, Franclim, estas roseiras já tem botões!

É verdade! São mais felizes do que as minhas camisas, que já os não têm!

Entre genro e sogra

—Devo confessar à senhora, dona Ambrosia, que às vezes fico desesperado sem motivo!

—Ah, não se preocupe, meu genro!

Enquanto morarmos juntos, não lhe hão-de faltar motivos.

CONDIÇÕES de Assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00

Ano 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 92\$00

Ano 182\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00

Ano 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 115\$00

Ano 230\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00

Ano 120\$00

Festa de São Pedro Fins

(Continuação da 1.ª página)

mesmo assim é considerável o número de crentes que nesse dia festivo visitam a querida capelinha de S. Pedro, e devemos salientar que em tempos não muito recuados ainda, a Câmara Municipal, «ex voto», incorporava-se na procissão anual, o que emprestava a esta festa um ar de solenidade muito fora do vulgar, que foi perdendo de moda.

Não terá S. Pedro entravado o passo aos ímpios membros camarários que, tão estranhamente, têm esquecido o voto dos seus antepassados, certamente por não se quererem dar à penitência de subir a montanha?

E dizemos isto porque a acção do município, desde há muitos anos, com raríssimas excepções tem sido caótica a valer.

Pois bem: Que S. Pedro lhes inspire a necessária devoção para que subam novamente a montanha e se comprometam a ir ali todos os anos, pois seria o meio seguro de, ao segundo ano, já termos feita uma estrada para lá, que bem falta fazer.

Não estamos bem inteirados do assunto, mas parece-nos que, derivando da nova estrada de Paredes Secas, se conseguiria muito economicamente uma estrada até esta verdadeira estância de cura, magnífica pelos ares ali usufruídos e pela excelência panorâmica, de uma amplitude rara, em que a vista se perde, desde a orla marítima até às distantes serranias do Barroso e do Gerez. O maravilhoso contraste entre o monte agreste e o lençol alcatifado dos campos, com o rio Cávado de um lado e o seu afluente Homem do outro, a serpentear a paisagem, são dignos, não da nossa pobre pena, mas da paleta artística de um pintor exímio, da inspiração genial de um grande poeta, ou mesmo do sentimentalismo de um músico célebre.

Quem como nós já calcoreou o caminho que conduz à capela, no ambiente matutino de um dia de Agosto, sente-se

feliz em contacto com os encantos naturais que avista e sente.

A fralda da montanha, a partir das imediações da Igreja de Caires, começa a tornar-se árdua, mas a princípio um tanto suave porque se caminha ao abrigo de frondosas oliveiras e por entre laranjais viçosos, por vezes ainda carregados de frutos. Mais uns passos e os milharais, ao fundo do vale, enchem a vista de encanto e o olfato sente o aroma misto do campo e do monte, que agrada aos órgãos respiratórios e tonifica o sangue. Mais um pouco de esforço e sabe bem uma paragem, em que a vista mais uma vez se enleva em contacto com os primeiros horizontes, mais largos, mais cheios de novidade. O monte a parece-nos então escarpado, alpinico: e o romeiro, a quem não anima somente a natureza, mas também o cumprimento do voto, sente-se agora mais perto do verdadeiro objectivo da jornada e faz a escalada cheio de ânimo, não encontrando obstáculos que dominem o seu ímpeto, e, ora desejando chegar depressa, ora enlevado por novos encantos que vai descobrindo, esquecido do ardor do do tempo e sacudido pelo entusiasmo da ascensão, chega contente à capelinha: rude como o lugar, mas simples e humilde como o crente.

EME

Creme real

(Continuação da 3.ª página)

passada pela peneira; 15 gemas e uma pitada de canela.

Põe-se o açúcar em ponto de pasta. Mistura-se então as gemas, a abóbora e a canela e bate-se tudo muito bem. Vai ao lume a ferver e a engrossar, até ao ponto desejado. Diz-se que o açúcar está em ponto de pasta quando, ao retirar a colher que se introduz na calda, esta cair em pastas pesadas.

Ofensa Inesperada?

Não

(Continuação da 3.ª página)

estivesse nenhum, veio ao telefone a esposa de um deles— presume-se ter sido a esposa do sr. Candido—Com essa senhora ficou combinado dizer que até novas ordens a aparelhagem estava suspensa.

Para melhor ordem dos nossos serviços, no dia imediato, à tarde, um director, na presença dos festeiros, voltou a telefonar para saber do que se passava. E com razão, pois mostrando não possuir aquele número de «civilização» que a si mesmos atribuem, puseram à parte o aludido telefonema, que havia sido também o meio por que tinham sido contratados chegando mesmo a ameaçar a Comissão de festas com multas, indemnizações talvez com as «costas quentes» por alguém... Mas de facto, nem só os de Bouro tem licença.

Quanto ao apregoado incidente na montagem e decorrer da festa, somos forçados a dizer, que, parte da culpa só pode caber a esses senhores por terem detorpedo a ordem das coisas.

Na verdade, desde que estavam suspensos, não deviam ter aparecido no local, e depois reivindicariam por vias legais os seus direitos. Mas mais:—Porque foram dizer à comissão «in loco» que os da Feira-Nova, (como eles nos chamam), não podiam fazer o serviço por motivos que só eles conheciam? E' claro! a comissão em face destas afirmações ficou apreensiva. No entanto do lado saiu um a manda-los montar a aparelhagem. No mesmo instante chegaram as instalações do F.C. A. que os deixaram boquiabertos. Verificou-se, porém, contrariamente ao que disseram não haver ainda qualquer aparelhagem montada, mas duas por montar. Daí resultou nós abeiramo-nos da comissão recebendo ordens de montar e tocar segundo declaração que temos em nosso poder, assinada por tres membros da comissão, visto dois não sabem escrever. Também quanto a Banda dos B. V. de Amares «e não Banda da Feira-Nova» temos de esclarecer que apenas avisados do concerto que por ela ia ser executado, suspendemos imediatamente a nossa emissão, como aliás o faziamos sempre que nos era solicitado por quem quer que fosse, com ordens da comissão. Os nossos colegas do Centro Comercial de Bouro faltaram, pois, á verdade afirmando o contrário. Se alguma deficiência houve, esta deverá atribuir-se talvez a Comissão e não a nós. De resto, a cada passo éramos insitados pela mesma Comissão a tocar, independentemente das instalações do Centro Comercial. Apesar disso, respeitamos sempre a ordem pré-estabelecida e só exorbitamos quando os nossos colegas o fizeram; Examinem bem a sua consciência e depois sejam acima de tudo justos.

Sempre mantivemos as melhores relações com a gente de Bouro, e continua-las-emos. Bem sabem eles, que ainda há bem pouco, por intermédio de um sócio benemérito do nosso Club, lhes prestamos serviços gratuitos. Foi na altura da passagem do mercado quinzenal para semanal. Sem duvida, que isto redundou em benefício comercial pela intensa propaganda que então se fez através dos nossos micros.

(A Direcção)

P. S.

A Direcção do F.C. de Amares, tem em poder uma declaração que a autorizava a fazer funcionar as suas instalações naquela festa, a qual é assinada pelos festeiros e redigida pelo vice-presidente da direcção.

(António Dias Paredes)

Rectificação

Ex.mo Senhor Director da «Tribuna Livre»

No último número desse Semanário que V.a Ex.cia superiormente dirige, na Secção «Tribuna de Vila Verde», foi publicada uma notícia com o título «Um caso de morte na freguesia de Valdeu».

Foi dada como minha tal notícia, o que não corresponde á realidade, pois simplesmente me limitei a fornecer ao V. correspondente nesta localidade, os elementos necessários á referida notícia.

Pelo exposto, rogo a V.a Ex.a se digno fazer a devida rectificação.

Com elevada estima e consideração por V. Ex.a, me subscrevo.

Artur Ferreira Carmo Loureiro.

A Grandiosa Barragem

(Continuação da 3.ª página)

veram 3.500 m.³ de terras. Fica com uma zona blindada de 340m. de extensão, para reforçar pontos fracos.

O formidável túnel que conduzirá as águas para a Central de Vila Nova, pondo em movimento o 4.º Grupo—cujas montagens se encontram em notável e grande adiantamento—tem 8.200 metros de comprimento e 2,70 m de diametro, seguindo-se-lhe uma conduta metálica forçada, ao ar livre com uns 2 quilómetros e meio com uma secção de 2,25 e 1,90 metros.

Com estes dados teremos dado uma pávida idea do valor daquela obra gigantesca e orientar os leitores nas visitas que venham a fazer-lhe.

(B. Carvalho Ribeiro)

Memorando um filho illustre do concelho

(Continuação de 1.ª página)

até ao fim da guerra. Regressando ao país foi colocado na Reserva, sendo depois promovido a general por decreto de 3 de Julho de 1926.

Era condecorado com o grau de Cavaleiro e oficial Real Ordem de Avis e possuía a medalha de prata de comportamento exemplar. Foi louvado em 1908, pela forma criteriosa como resolveu as questões táticas que foram propostas e tinha a medalha militar de ouro da classe de comportamento militar. Foi distinguido, pelo Governo Britânico, em Maio de 1918, com a orden of. St. Michael and St. George, pela sua acção como comandante em França, e louvado, em Fevereiro de 1918, pela inteligência, dedicação e zelo de que deu provas durante o tempo que esteve servindo na Divisão O. P. n.º 306 de C. E. P. Também possuía a medalha de ouro de bons serviços em campanha e a medalha da Cruz de Guerra de 1.ª classe.

Eis o teor do D. n.º 11.860 de 1926.

—“Atendendo aos altos serviços prestados pelo coronel de infantaria actualmente na situação de reserva, Adolfo de Almeida Barbosa, no corpo expedicionário Português, onde exerceu durante o largo prazo o comando interino de uma divisão com comprovada competência, inteligência e muito zelo, fazendo sentir beneficentemente a sua acção disciplinadora nos subordinados, dando-lhe por vezes em circunstâncias bastante críticas exemplo de coragem e abnegação e não tendo sido devidamente recompensado, o que a tantos outros tem sucedido. Em nome da Nação, o Governo da República, decreta, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º.—É promovido a general o coronel de infantaria na situação de reserva Adolfo de Almeida Barbosa».

O saudoso extinto era viúvo da Snra. D. Rosa Miquelina Vasconcelos Peixoto Moraes, desde 22 de Julho de 1904.

Acentuemos que o general Almeida Barbosa, não obstante ter sido considerado o mais esforçado oficial superior do nosso exército não foi promovido, logo após a grande conflagração mundial, devido à independência das suas atitudes.

E só, quando o regime vigente subiu ao poder, essa promoção se verificou, feita pelo Marechal Gomes da Costa que, propositadamente quis que fosse essa a primeira promoção sua.

Chefe de família dos melhores, teve três filhos que ainda hoje vivem mas nenhum deles seguiu a carreira das armas.



Bons Aposentos
Casa de Banho
Água Corrente
Serviço de Mesa com e sem dieta
Asseio Inexcedível
Agradável sala de Jantar
Grande Esplanada para serviço ao ar livre
Jardim
Garagem Privativa

PENSAO DE PAÇOS

COMPLETAMENTE RECONSTITUIDA DE NOVO

DE Amélio de Andrade

TELEFONE 65111

TERMAS DE CALDELAS

Retiro ideal

Imagino na colina
Uma casa pequenina
No meio d'uma courela;
Como a neve, toda branca
Com a porta sempre franca
E craveiros na janela.

Onde não entra ruído
Que me perturbe o sentido
Quando quizer meditar
Poder seguir o meu sonho
«Té ao fim sempre risonho,
E outro recomeçar.

Nas madrugadas suaves
Ouvir todas as aves
Seus maviosos trinados;
Junto à fonte que suspira,
Arrancar à minha lira
Cantos nunca imaginados.

A sentida melopeia
Do som do sino d'aldeia
Ouvir nos ecos da serra;
Ouvi-lo na branda aragem
Pelo ar, como homenagem
Prestada ao céu pela terra.

Ouvi-lo dizer-me:—Reza,
O bom cristão que se preza
Dá graças ao Criador;
Até mesmo aos passarinhos
Abandonando os seus ninhos
Cantam-lhe hinos de louvor!

Resa, levanta os teus olhos
Acima destes abrolhos,
Olha o alto o firmamento;
Ali não há ambições
Nem crimes, nem seduções
Que aviltem o pensamento!

Neste retiro de sonho
Deixar-me ficar, bisonho
Desapegado do mundo
E longe das suas lutas
Tão desleais e corruptas
Que causam asco profundo!



O caso lustrich visto de cá

Muito se tem falado por cá em continuação da agitação que reina por lá, do caso lustrich.

Uns, olhos fitos nos êxitos desportivos, corações ainda palpitando pela euforia da vitória, vêm no ex-treinador do F. C. do Porto o homem sem culpa, vítima de uma perseguição que não sabe distinguir entre o homem emocional.

Outros, menos clubistas ou ou nada clubistas, ou simplesmente crédulos no que se ia dizendo e, especialmente, no que ultimamente se disse, consideram o homem como sociavelmente intratável por violento, despótico, e sem os limites impostos pela educação, aplidando-o de «napoleónico»

Uns e outros concordam nos seus dotes técnicos e opinam que a sua obra, neste campo, foi útil.

Para que lado nos incluíamos nós?

Está acente que o sr. Zagalo Lima não fugiu, que o técnico não ficou com dinheiro do jogo solteiros—casados e que não faltou ao respeito devido ao nosso país.

Em quase todos os outros casos ficamos entre duas partes — uma que diz dum forma e outra que nega, portanto, na dúvida, e no caso de dúvida teríamos que nos inclinar para o réu — para lustrich.

Mas uma coisa ficou claramente demonstrada: houve procedimento despótico no Brasil e na Venezuela e continuou o tratamento violento para a imprensa.

Ora, se a imprensa do nosso país, da mais tolerante e honesta, suportou a afronta embora fazendo sentir a sua mágoa — a que a direcção não atendeu — o mesmo não aconteceu com a imprensa brasileira que escalpelizou o técnico da sua nacionalidade e quando este já estava «pela rua da amargura» passou a a afrontar os jogadores causando-lhe o estado de espirito que gerou em grande parte, todo o desastre técnico das exhibições em solo da pátria irmã.

Assim aliou-se a um procedimento sempre condenável por deselegante e impróprio, uma situação vexatória para a colectividade e até, o que é mais grave, um desprestígio

para a Nação.

Isto vindo a acção do treinador como perniciosamente sòmente frente à imprensa e dando a seu favor veredicto nos muitos casos em que vem sendo incriminado.

Portanto, e quanto a nós, mesmo não tomando conhecimento de toda amalgama de acusações que andam no ar e considerando sòmente aquela que todos concordam ser verdadeira, temos por bem e por justiça condenar o réu embora admitamos, com muitos dados a nosso favor, que se lustrich voltasse provavelmente juntaria agora ao lado técnico o lado educativo, que não temos como menos importante.

Seria quanto aprendeu com o susto.

E quanto à direcção?

Teve culpa antes do treinador e tem-na, ainda depois, dele.

Antes porque se não prevenia mesmo depois de informação da índole do homem.

Depois, porque tendo-o demitido lhe deveria seguir os passos.

Isto se a lógica não leva batata.

As incriminações da imprensa Venezuelana, agora chegada à nossa redacção, não são de culpa exclusiva do treinador e a exclusão deste não serve de derimento aos outros.

E na casa pequenina
Escondida na colina
Com roseiras em redor,
Sem ter outra por vizinha
Viver toda a vida minha
Na santa paz do Senhor!

UERBA

Visado pela censura

Folhetim da "Tribuna Livre", — 13

A Estrada

Conto de Joaquim Monteiro (Jorge)

VI

Estavam já bastante longe da cidade. E os dois rapazes não tinham dado por isso. Para os espíritos preocupados, o tempo era curto e a vida é assim como que uma coisa tão pequena, tão curta, tão diminuta, que julgam, chegada a hora do Juízo Final, que não viveram o suficiente para tanta preocupação.

Em que local estavam? Não o sabiam ao certo. Montes dum lado, com a sua flora oriunda de milénios, e selvagínea, traziam o convite à solidão não menos milenária onde sonhos de estranhas vozes se confundiam com o mundo da fábula iridescente de mistério e poesia. Campos, hortas, pomares, do outro lado, qual vasto tapete de ladrilhos verde, onde, em certos pontos, o terreno fugia em rápidos declives, ou em ladeiras que se fundiam com o tolhãme das árvores. Para além, um sítio ideal para uma casinha, pequena e aconchegada como um ovo... Acolá, um varandim autêntico onde um poeta inspirado conceberia os mais lindos e belos poemas, porque Érato lá estaria com a sua bênção e Mezenas com a sua leal protecção.

Mas olhemos a estrada e não percamos de vista David e Daniel. Do local por que os possamos a observar, parecem dois catraios que tivessem saído da escola e se dirigissem à cata de ninhos. Teriam eles infância? Como seriam eles aos seis anos? Que pensamentos, que sonhos, que ilusões alimentaram aos catorze? Perguntas desnecessárias, bom leitor. O passado, aqui, não importa. Só de longe a longe surge um suspiro do passado, ora a tolar de tédio o espírito arrebatado, ora a

libertá-lo nas asas do vento, que vem e que parte... que vem e que parte...

Um pássaro atravessou a estrada e entrou como uma seta no espedço pinhal, onde desapareceu como uma lufada de vento sibilante.

David e Daniel eram da mesma idade. Vinte anos. A barba já lhes picava os rostos. Ambos operários, camaradas na mesma oficina. Na época do verão, quase sempre, há uma sensível descida de produção, consequência de falta de encomendas. Este facto ligado ao problema da corrente eléctrica, obrigando a uma restrição de consumo, agravou seriamente a situação dos operários de muitas oficinas. Algumas tiveram que paralisar e, outras, laborando dois e três dias por semana, iam contentando um terço, ou talvez menos, do pessoal. De qualquer forma era o desemprego. Um operário que não trabalhe um dia é um desempregado. Uma hora perdida, das quarenta e oito semanais, é um rude golpe na *féria*. A vida do operário resume-se ao presente. Só o presente pode ser vivido. Não pode fazer contas com o futuro.

Os nossos dois heróis há perto de duas semanas que não trabalham. Todos os dias vão à oficina e perguntam se há que fazer. Há duas semanas que para eles e muitos outros não há que fazer. A oficina está, por assim dizer, parada. É uma situação de desespero que urge suportar. Confiar e esperar mais alguns dias. Falar com os credores, expor a situação, que confiem e esperem mais algum tempo, também... Os homens entendem-se falando... É preciso compreensão, solidariedade, fraternidade... O comerciante, mal ou bem, sempre tem que comer e dar que comer aos filhos. Os patrões também. Sòmente a mercadoria não lhes sai das portas. E os operários? Então não ouvem?—Estão desempregados. Deixem passar as férias, esperem pela chuva. Agora é verão. As praias estão cheias. Os hotéis rebentam de industriais, de turistas. Os negócios estão fechados. Persianas corridas.

Perdidos na estrada dois jóvens aguardam o reinício dos negócios, a vinda da chuva, da chuva que encherá as turbinas, que ficarão, por algum tempo, atolhadas de água, de água que fará incendiar de movimento e vida as represas, as fábricas, as oficinas. Então, todo o mundo trabalhará.

Todo o mundo, sim, todo o mundo, para que depois, esse grandioso mundo, todo inteiro, possa também gozar.

(Continua)

TRIBUNA Internacional

Pelo País

Programa da visita presidencial A MOÇAMBIQUE

O Sr. General Craveiro Lopes, chegando a Lourenço Marques no dia 4 de Agosto, permanece na capital de Moçambique até ao dia 8, presidindo a diversas solenidades e inaugurando a grande Exposição das Actividades Sociais, Culturais e Económicas.

No dia 8, visita a Vila de João Belo e o Chibuto; a 9 pisará o solo heróico de Chaimite e inaugurará a Barragem e o Caminho de Ferro de Limpopo, visitando ainda a Moamba e Namaacha.

Após um dia de repouso a visita prosseguirá no dia 11, por Boane Vila Luiza e Manhiça.

Inhambane é visitada no dia 12, donde o Sr. Presidente da República segue no mesmo dia para a Beira, cidade onde permanecerá no dia 13, em visita a várias obras e instituições, partindo a 14 para Vila Perry e daqui para Vila da Manica.

Neste dia o Sr. General Craveiro Lopes tomará o comboio especial em direcção a Salisbúria, capital da Federação das Rodésias e Niassalândia. A visita oficial a este país é nos dias 15 e 16.

A 17, o Chefe do Estado visitará a Gorongosa, reserva de caça de Moçambique; e a 18, seguirá do Chitengo para Tete, donde parte na manhã de 19, para Quelimane.

A 20, segue da cidade de Quelimane para Mocuba e visitará também o Gorué (Vila Junqueiro).

No dia 21, visitará Vila Cabral e a zona do Niassa; a 22, Mutuáli e Namupa, permanecendo nesta cidade no dia 23. No dia 24 serão visitadas povoações da região, nomeadamente inaugurando o Hospital Granja da Namaita.

A 25, a visita presidencial será a Nacala, ao Lumbo e à Ilha de Moçambique, onde o Sr. General Craveiro Lopes permanecerá até ao dia 27. Daí segue neste dia para Mocimboa da Praia, Palma, Quionga e Porto Amélia. No dia 28, visita o Lumbo e dali regressa a Lourenço Marques, ficando nesta cidade até ao dia 3 de Setembro.

Nos dias 3 e 4 o Chefe do Estado visitará oficialmente a União Sul Africana, chegando no dia 6 a Luanda e iniciando uma curta visita a Angola, cujos passos mais importantes são a inauguração da Barragem Presidente Craveiro Lopes, no dia 6, após uma passagem pelo Lobito, e inaugurações e visita em Luanda, no dia 7.

O regresso de Luanda, esta marcado para o dia 8, devendo ficar até ao dia seguinte em S. Tomé.

A chegada a Lisboa, após estagrande jornada, está prevista para as 17 horas do dia 9 de Setembro, encerrando-se assim mais um acontecimento de grande significado histórico.

soldados indianos, armados, que tentaram desviar o rebanho. Como os camponeses reagissem de momento, os soldados indianos abriram fogo, matando dois cultivadores e ferindo um terceiro.

Auxilio Americano a Portugal

É consolador repousar os olhos sobre factos e números, que servem bem a medida para se avaliar a generosidade dum país rico e próspero—a América do Norte—que tão humanamente está com os seus apreciáveis excessos de produção, ajudando aqueles que, por muitas e variadas condições económicas, necessitem de auxílio. Vários são os países, que estão já beneficiando deste movimento de solidariedade humana.

O povo americano tomou a simpática iniciativa de oferecer também a Portugal, através da "Caritas" do seu país, quantidades apreciáveis de géneros alimentícios, roupas e calçado, para serem distribuídos pelos nossos pobres e dum modo especial, pelas crianças, através da "Caritas" Portuguesa.

Portugal, não pode deixar de reconhecer, que tem ainda necessidades a suprir. Por isso não pode deixar de representar para todos nós, portugueses, uma apreciável oferta o que da América nos vem chegando.

Está a "Caritas Portuguesa", a braços com a tarefa de organizar e proceder à distribuição das remessas recebidas tendo já sido enviadas grandes quantidades de géneros para vários pontos do país, e tem a maior satisfação em tornar conhecidos os números relativos às remessas recebidas, certa de que assim será fomentada uma bem merecida gratidão de Portugal para com a Nação Americana;

156.000 crianças assistidas diariamente.

Quantitativos anuais de géneros atribuídos para a distribuição diária:

Leite, 6.400.000 lbs. peso; Queijo, 3.472.000 lbs. peso; Manteiga, 1.600.000 lbs. peso e Trigo, 9.400.000 lbs. peso.

Quantidades distribuídas até esta data.

Leite, 1.003.678 lbs. peso. Queijo, 1.792.655 lbs. peso e Manteiga, 1.516.102 lbs. peso.

Pelo Estrangeiro

E agora vão casar-se a «sério»...

—Tendo ido à Escócia para se casar, nos termos de uma velha tradição, sobre a bigorna do Ferreiro de Gretna Gren, o joalheiro suíço Hans Schmidt, de Berne, ficou profunda-

Postais de Paradela do Rio

Iniciamos hoje um pouco de colaboração na "Tribuna Livre"—Semanário de Critica e Actualidades—que honra a seus fundadores e mentores, o corpo redactorial e, afirmamos os seus assinantes, leitores e o ridente Concelho de Amares. Parabens aos arrojados, que de sobejo conhecemos em arte, bairrismo e espirito forte da iniciativa.

O simples postal destas paragens adustas terá desde hoje o seu lugar e assiduidade, tanto quanto nos seja possível. Aqui moirejam muitas dezenas de amarenses que honram a sua terra com um trabalho perfeito, completo e honesto. As suas famílias, amigas—e até noivinhas sequiosas e eivadas de saudade—terão neste postal uma nota de mata fraquesas, de alívio, de conforto moral; pois se mais nada colherem, vão ler o nome daquela terra, «maldita» Paradela (!) onde os seus entes queridos labutam honestamente pelo engrandecimento pátrio.

E agora os nossos respeitosos cumprimentos e saudações a todos quantos dirigem, trabalham e estimulam.

"Tribuna Livre", que em tão boa hora surgiu.

Acontece aqui em Paradela que o nosso jornal sofre "desvios" continuos. Tudo gosta dele. Todos querem ler a «li-

berdade» da Tribuna. Os assinantes escamoteiam-se, mas... que paguem a assinatura... que quem leia não falta!

Agora toca-nos a vez. Tere-mos a sorte que Deus nos reservou...

A rapaziada amarense está toda contente e feliz, laboriosa e persistente. Mas olham muito para os relógios e para os calendários, só para ver quanto tempo falta para ir visitar os entes queridos. Não esquecer e não são esquecidos.

E agora, para fechar, umas das sensacionais...

Um amarense (que maroto!) aqui muito bem empregado, deixou-se enleiar cá na Obra e e vai casar—em despreveito das simpáticas conterrâneas. Vai casar breve e é na Abadia «Ai o maroto! Estamos a ver as cachopas do concelho de Amares, muito despeitadas, olhos no chão, esperanças perdidas... e uma séria curiosidade em saber quem é o maganão!...

Pois lho diremos nós, logo que o auspicioso enlace se realize. Até lá, calma... muita calma... e vão deitando os olhos por outros lados.

Um saudoso abraço desta boa rapaziada de Amares, para todos os seus conterrâneos.

B. Ribeiro

O Ministro de Fomento Rural da Uganda

Mr. Y. K. Lule, ministro do Fomento Rural da Uganda, e professor de Universidade de Kampala, veio à Europa estudar as condições de vida das populações rurais. Já visitou a Bélgica, Dinamarca, França e Suíça, e parte amanhã para a Espanha e Inglaterra.

Veio visitar Portugal, já que em África se fala tanto do nosso País.

Na Uganda vivem cerca de 50.000 indianos e uma notável colónia goesa, que o Sr. Lule diz possuírem um carácter profundamente português, o que sempre o impressionou muito. Achava estranho existirem pessoas que nunca tinham estado em Portugal, revelassem tanto entusiasmo pelo seu País.

Acha Portugal um País de lindíssimas paisagens, e um povo acolhedor e extremamente simpático. Pouco mais teve ocasião de observar nesta rápida visita de alguns dias.

Alguns dos correspondentes de jornais da Uganda, são goeses e foram eles que mais vivamente se manifestaram contra a pretensão da União Indiana de absorver Goa.

TRIBUNA LIVRE é distribuída em Braga, no Quiosque Central, Largo do Barão de São Martinho

Recolha e comércio do leite

Um despacho do subsecretário de Estado da Agricultura determina que o sistema de recolha e comércio do leite destinado ao consumo público e das nats com destino à indústria, estabelecido no Decreto n.º 39.178, de 20 de Abril de 1953, se aplique desde já às zonas abastecedoras dos concelhos de Barcelos, Espoende, Ponte do Lima, Viana do Castelo, Caminha e Vila Nova de Cerveira.

Pelo fundo de melhoramentos rurais

O sr. ministro das Obras Publicas, concedeu no mês findo, pelo fundo de melhora-

mentos Rurais, as seguintes participações para o Distrito de Braga—As Camaras Municipais de: Terras de Bourro, para construção do caminho municipal entre as freguesias de Moimenta e Gondoriz —3.ª fase, 45.000\$00, a Vila Nova de Famalicão, para construção da estrada municipal de Nine à ponte de Arnoso —4.ª fase, 96.300\$00.

DE GOA

Mais uma violência praticada por soldados da União Indiana

—Segundo informa o jornal "Dawn", de Karachi, de 28 do passado, quando seis cultivadores paquistânicos, estavam semeando milho, no campo de Kash-Mir, e outros apascentavam gado, surgiram oito